

HIBRIDISMO E INESPECIFICIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA: UMA MULTIPLICIDADE QUE NARRA EM *OPISANIE*
ŚWIATA

Michel Machado Flores¹

Resumo:

Uma dissolução das fronteiras entre as diversas formas de arte é o que indicam alguns estudos literários, como os de Perrone-Moisés (2005), Maciel (2010) e Garramuño (2014). Neles, percebemos que, de maneiras variadas, uma mistura de gêneros textuais, assim como de diferentes meios e formatos, é traço marcante de certas obras da literatura, das artes visuais e até mesmo da crítica. No estudo de Garramuño (2014), a observação dessa tendência leva a autora a sugerir a existência de uma arte inespecífica. Este trabalho procura discutir alguns desses apontamentos para, na sequência, propor uma leitura e um olhar para uma obra da literatura brasileira contemporânea, *Opisanie Świata* (2013), levando em consideração noções poéticas da literatura e das artes visuais.

Palavras-chave: literatura brasileira contemporânea; artes visuais; arte inespecífica; *Opisanie Świata*.

Parecem ser muitas as leituras possíveis e impossíveis do romance *Opisanie Świata* (2013), de Veronica Stigger. Uma delas pode ser a de que se trata da história de uma viagem que transita por trem, navio, carta, fotografia, literatura, arte e cinema. Viagem que começa na Europa e termina na Amazônia brasileira. É também a história de um pai indo em direção a um filho desconhecido. E é sobre um encontro deste pai com outro desconhecido (Bopp). É uma obra que ainda pode ter muitas outras leituras, pois, como um livro rizoma, uma multiplicidade habita e constrói sua trama de formas e sentidos. Ao redor do percurso da viagem que coincide com o início e o fim do romance, uma narrativa que se constitui através de diversas formas de narrar, com palavras e imagens. Quem a percorre é Opalka, personagem que, vivendo em Varsóvia, na Polônia, recebe uma carta do Brasil de um filho, até então desconhecido, que agoniza em uma cama de hospital na Amazônia. Natanael, o filho, contando com sua possível morte, escreve para o pai que não conhece e envia bilhetes pedindo sua visita. Assim começa essa viagem rumo ao desconhecido, na qual o leitor embarca ao lado de Opalka e Bopp – personagem ímpar que divide o protagonismo da história acompanhando Opalka desde os primeiros passos de seu percurso – senhor e senhora Andrade, Curto Chivito, Hans, dona Oliva e as Olivinhas, entre outros.

¹ Graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); mestrando em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); bolsista CNPq. E-mail: michel.flores@acad.pucrs.br.

A multiplicidade que narra em *Opisanie Świata* (2013) se mostra não apenas pelos nomes de seus personagens, referências claras às figuras da arte e da literatura europeia e brasileira, mas também pelas formas que constituem essa narrativa. Sua leitura acontece através de um trânsito por diferentes gêneros textuais e meios, como cartas, fotografias, trechos narrados em terceira pessoa, anotações, uma canção, um poema, cartões postais, anúncios de jornal do século XX etc. Junto a isso, acompanhamos essa viagem conhecendo aos poucos partes do passado de Bopp e Opalka. É uma leitura que junta pedaços, fragmentos heterogêneos que, ao mesmo tempo em que se mostram soltos, em aberto, contam uma história. Da História para a história, alguns desses fragmentos são apropriações da literatura, da arte, da crítica e até de experiências vividas pela autora. Essa junção de elementos aparentemente díspares, além de possibilitar diversas leituras, aponta para uma possibilidade de narrar com a literatura, o arquivo e outras artes, jogando com e problematizando categorias artísticas.

Hibridismo e inespecificidade: uma expansão das linguagens artísticas

Mesmo com propostas e atitudes diferentes, muitos estudos literários coincidem em afirmar que as fronteiras (sempre instáveis) da literatura, da arte e da crítica, em certas obras, se entrecruzam ou até mesmo se apagam. Sobre essa questão, a teoria da literatura tem como uma de suas marcas a criação de conceitos como o da intertextualidade, que nos remete à noção de texto como uma mosaico de citações, à imagem do palimpsesto, entre outros desdobramentos – conceitos importantes sobre os quais muito já foi dito. No entanto, parece que, além da conhecida presença de um texto em um novo texto, o fenômeno da mistura de referências, gêneros, formas, poéticas etc. na constituição de uma nova obra ganha nuances e formas novas na contemporaneidade, diferente da qual foi pensada sob o sentido da intertextualidade.

Alguns dos trabalhos que atestam tal afirmação são, por exemplo, o de Perrone-Moisés (2005), que discute o caráter crítico do texto literário e o caráter literário do texto crítico, mostrando que as diferenças hierárquicas e de discurso entre a crítica e a literatura analisadas pela autora se atenuaram desde a metade do século XX. Autores como Roland Barthes, Michel Butor e Maurice Blanchot produziram obras que hoje são vistas como literárias ao mesmo tempo em que são críticas porque, com seu modo de existência,

questionam a autonomia dessas formas. Na literatura brasileira contemporânea, um hibridismo de gêneros textuais, formas e formatos na constituição do texto é traço cada vez mais marcante, segundo Maciel (2010). Ao tratar das “ironias da ordem” no ato classificatório, a autora salienta que “desde que existem gêneros, existem as misturas” (p. 108); no entanto, atualmente, “as misturas têm se tornado um valor de nossa época” (p. 109). Pensando o hibridismo textual presente na obra de alguns autores, como Ana Cristina Cesar e Armando Freitas Filho, Maciel propõe a expressão *escritas transgênicas* “para designar o texto híbrido que se compõe de cruzamentos, enxertos, mesclas, justaposições de diferentes gêneros textuais” (p. 112). Ainda que trate de obras da literatura e das artes visuais para refletir sobre a insuficiência dos sistemas de classificação, quando se detém à literatura, a autora concentra-se a pensar a mistura de gêneros no texto verbal das obras com as quais desenvolve seu argumento.

Com uma abordagem que busca refletir sobre uma estética contemporânea, o estudo de Garramuño (2014) sugere relações entre obras da literatura e de outras artes a partir de um traço em comum: a inespecificidade. Sua proposta parece ser diferente da que estuda o hibridismo formal e a mistura de linguagens que perpassa certas obras. Garramuño parte da afirmação de Rancière de que a arte é a manifestação de um pensamento fora de si e busca pensar obras da literatura e de outras artes através da criação de um conceito que ultrapassa as categorias de gênero. Faz isso recorrendo a obras das artes visuais e da literatura que se constituem pela mistura de elementos de diversas formas artísticas, identificando nessas obras um discurso contra o específico. Para a autora, essa busca seria um traço do contemporâneo e teria a ver também com a criação de novas formas de narrar e de fazer arte, característica que identifica na produção de Nuno Ramos, Carlito Azevedo, Luiz Ruffato, Sylvia Molloy, Tamara Kamenszain, entre outros.

Hibridismo e inespecificidade são algumas das maneiras possíveis de se ler e ver *Opisanie Świata* (2013). Por mais que esta possa ser entendida como uma obra literária (apresenta-se no formato livro), sua trama se forma com a montagem intercalada de fotografias, entre outros documentos provenientes de pesquisa historiográfica, cartas, relatos de viagem e um narrador em terceira pessoa que descreve episódios dessa história. Todos esses elementos corroboram e integram a narrativa. Palavra, imagem, montagem, entre outros, são elementos que narram. E, da forma com que *Opisanie Świata* (2013) nos

mostra e nos conta sua história, percebe-se que o que ali narra é a literatura junto às artes visuais, inclusive o cinema. A apropriação de documentos que são utilizados na construção de uma ficção, a montagem de elementos variados que contam uma história sem apagar seus intervalos, seus cortes, e um narrador que descreve episódios dessa viagem a partir de um ponto de vista semelhante ao de uma câmera atuam como linhas visíveis dos estratos e territorialidades que formam a narrativa. Há ainda movimentos no interior do texto que lembram poéticas das artes visuais, como a apropriação e a colagem praticadas por Kurt Schwitters e a forma particular de pintar de Roman Opalka, quando preenche telas com a enumeração do tempo (ver Stigger, 2013, p. 55-56). Cinema, arte e literatura, nessa narrativa, são linhas que se mostram mas que também carregam consigo fugas, referências escondidas e possibilidades de outras leituras. Dessa maneira, *Opisanie Świata* é uma obra que nos incita a pensar a possibilidade de se contar uma história *com* e *além* da palavra, através da mistura de elementos de diferentes artes.

O livro como um rizoma

Um conceito caro para a filosofia de Deleuze e Guattari (1995) é o de rizoma, a partir dele, muitas outras questões do pensamento desses filósofos são desenvolvidas. Trata-se de um conceito amplo, complexo, que este trabalho não é capaz de abordar com rigor. No entanto, é difícil entrar em contato com tais ideias sem lembrar da forma narrativa de *Opisanie Świata* (2013). Por isso, optou-se por correr o risco de trazer algumas ideias, mesmo incipientes, que compõem a teoria do rizoma. Pelo que se pode entender, o rizoma é um conceito, um sistema, uma ideia de mundo, que agrega muitos elementos, dentre os quais, faz parte o livro. Desde as primeiras linhas de *Mil Platôs* (1995), o rizoma é elucidado com a figura do livro: “Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação” (p. 12). Todas essas linhas e movimentos formam um agenciamento, uma multiplicidade, um rizoma, termos que ora parecem se equivaler, ora parecem se diferenciar, complementando-se. Deleuze e Guattari (1995) pensam a literatura e o livro como agenciamentos que fazem “rizoma com o mundo” (p. 20). Para isso, discorrem sobre duas formas de livro: o *livro raiz* e o *livro rizoma*. O primeiro seria o livro clássico com sua crença enraizada de que o livro é a imagem do

mundo. O livro raiz está relacionado à ideia de representação, de uma arte que imita o mundo e, por isso, se insere dentro de uma lógica binária (mundo – obra; realidade – ficção etc.). Também é possível aqui incluir a ideia da centralidade que o narrador ocupa em muitos dos romances clássicos da literatura. Para contrapor essa imagem, pensando que a natureza não se comporta dentro dessa lógica, Deleuze e Guattari vão defender a ideia do livro rizoma. Este rompe com a ideia de representação porque não possui um centro, uma raiz central, sua imagem é a da raiz fasciculada. Para os autores, neste grupo estariam os livros da modernidade, como os de Joyce, Burroughs e até os aforismos de Nietzsche. Textos que, como as palavras de Joyce, “quebram efetivamente a unidade da palavra”; ou, como o método *cut-up* de Burroughs, realizam “a dobragem de um texto sobre outro”; ou, ainda, como os aforismos de Nietzsche, “quebram a unidade linear do saber à medida que remetem à unidade cíclica do eterno retorno, presente como um não sabido no pensamento” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 14-15). Assim, mesmo sem buscar representar o mundo, o livro rizoma seria a imagem do mundo, de um mundo que é múltiplo, que é caos.

Se “uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 22), talvez também seja esta uma das possíveis leituras de *Opisanie Świata* (2013). Como já foi sugerido no decorrer deste trabalho, há uma multiplicidade que habita e constitui essa obra, seja pelas referências variadas que se encontram na trama, seja por seu jogo exploratório com diferentes gêneros e formatos. Além disso, *Opisanie Świata* (2013) cria o impossível que a literatura possibilita ao narrar o encontro em um mesmo navio (história) de personagens que não se encontraram dessa maneira na História, como Roman Opalka, Raul Bopp, Kurt Schwitters, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Não são apenas os nomes dessas figuras que são apropriados pela autora na construção de sua narrativa, a apropriação acontece também com a inclusão de trechos de cartas, livros e documentos provenientes de uma pesquisa de arquivo e inseridos no interior do texto. Esses fragmentos aparecem no decorrer da história sem destaque. Apenas ao final do romance a autora manifesta as diversas referências que serviram de base para a criação de sua história, como obras literárias, filmes, documentos e até eventos vividos por Stigger. Dessa maneira, na forma de narrar encontrada por Veronica Stigger, pedaços da História (textos, fotografias documentos) são roubados, revisitados, rearranjados, incrementados, *dobrados* e recriados a partir do presente de uma escrita. E é

importante salientar que esta apropriação não está a serviço de uma recriação que busque uma representação, e sim de um exercício literário que cria uma história particular do século XX, com tons de absurdo, mas que também pode ser vista como crítica da realidade. Essa multiplicidade visível que constrói *Opisanie Świata* (2013) desafia também a entidade do narrador na literatura e sua posição de centralidade, visto que trechos narrados por um narrador onisciente são intercalados por documentos de arquivos, entre eles, fotografias, e partes de um relato de viagem supostamente escrito pelo personagem Opalka. Todos esses elementos narram e cada um conta uma história própria ao mesmo tempo em que compõem a história do romance. Se há alguma centralidade no gesto do narrador de Stigger, esta seria a da ação de montar narrativas diversas criando uma história que contém muitas outras histórias e sentidos. Como no livro rizoma de Deleuze e Guattari, este livro parece ser “feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes” (p. 11), ao se constituir numa multiplicidade que faz rizoma com a literatura e as outras artes, ou num modo de existência inespecífico.

Referências bibliográficas:

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1, tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34.
- GARRAMUÑO, Florencia (2014). *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, (Edição Digital, Kindle).
- GARRAMUÑO, Florencia (2014). Formas da impertinência. In: KIFFER, Ana; GARRAMUÑO, Florencia (orgs.). *Expansões contemporâneas: literatura e outras formas*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (2005). *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes.
- MACIEL, Maria Esther (2010). *As ironias da ordem: Coleções, inventários e enciclopédias ficcionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- STIGGER, Veronica (2013). *Opisanie świata*. São Paulo: Cosac Naify.